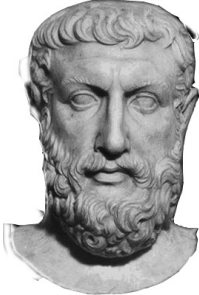


UMA FÁBRICA DE SONHOS¹

Rachel Rangel Bastos²



“... το γαρ αὐτο νοεῖν ἐστὶ
v
τε καὶ εἶναι.”

“...pois o mesmo é o
pensar e o ser.”
Parmênides

“É em vão que tua imagem chega ao meu encontro.
E não me entra onde estou, que mostra-a apenas
Voltando-te para mim só podereis achar
Na parede do meu olhar tua sombra sonhada.
Eu sou infeliz comparável aos espelhos
Que podem refletir mas que não podem ver
Como eles meu olho é vazio e como eles habitado
Pela paciência de ti que faz tua cegueira”.
(Aragon)

Início este texto citando o *Contracanto* de Luiz Aragon, para enfatizar sobremaneira a natureza do próprio em relação à noção de identificação. Proponho refletir o contraponto entre o eu e o mim, evocando uma referência singular, a diferença.

O título deste trabalho, "Uma fábrica de Sonhos", foi inspirado por uma sentença pronunciada, anunciada e enunciada por uma analisante enquanto narrava um sonho em sessão.

“O eu e o mim, uma fábrica de sonhos”.

Contrapontuei comigo mesma: a análise não seria uma experiência de diferenciação entre o eu e o mim?

Uma, fez-me pensar em **traço unário**.

Fábrica, fez-me pensar em **série, produção**.

De, fez-me pensar em **de si mesmo**

Sonhos, fez-me pensar em **significantes**.

“Uma fábrica de sonhos” sugere pensar na relação de um sujeito com seus significantes. Pensar em relação **sujeito/significante** indica pensar em **identificação**.

¹ *Identificação e Identidade* Jornada de Psicanálise 2006 da Comissão de Enlace Regional de CONVERGENCIA - Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana.

² Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: rachelrangel@gmail.com.

Ocorreu-me produzir um trabalho, cuja articulação teórica envolvesse essas noções colocadas por Jacques Lacan.

Para explicitar minhas formulações, exponho posteriormente fragmentos de sonhos falados em análise, com a finalidade de contextualizá-los no que diz respeito à identificação.

Sabe-se sobre a dificuldade que o conceito de identificação nos traz. O próprio Lacan, já no início do Seminário IX (A identificação, 1961-1962), declara e torna público o incômodo em lidar com tal conceito. Apropria-se de leituras filosóficas na intenção de clarificar suas premissas. Contudo, mais do que valer-se dos enunciados filosóficos a fim de dar um tom mais claro ou mesmo mais erudito à sua fala, Lacan faz uso dos operadores e conceitos da Tradição por ter a certeza de não ser possível pensar este conceito nuclear, o de identificação, sem levar em conta algumas das principais metáforas históricas construídas sobre este conceito basilar, bem como o que disso advém.

É neste intuito que Lacan resgata estas principais metáforas. Das inúmeras citações de filósofos e de seus sistemas, abarca caminhos. Neste seminário, de Parmênides a Heidegger postulados são passados a limpo.

Filosofia e Psicanálise se interceptam. Com o Real, ambas, guardam uma relação de comum pertença (*Zusanmengahörigkeit*, a pertença comum). Pertencem-se e interceptam-se como tentativas de dizer o indizível, de exaurir o inexaurível, de identificar o inidentificável. As duas, interpeladas e entrelaçadas neste seminário, pensam “o significante e seus efeitos”³ a partir e em contraposição ao que no campo da Filosofia se constituiu na fundação do conceito de idêntico (identidade), algo datado e que o tempo não se acanhou de canonizar como sendo a medida de todas as coisas do que tange ao ser do homem.

Disse Parmênides: “...“... το γαρ αυτο νοειν εστιν τε και ειναι.”” ou, “... pois o mesmo é pensar e ser”. E se o mesmo é pensar e ser, significa que as coisas que são, só o são por serem inteligíveis (por poderem ser pensadas)⁴ e inteligíveis por meio de um mesmo que daria suporte à existência (o $A = A$ que Lacan exaustivamente questiona em todo o seminário IX).

³ Aquilo que se constitui no centro do seminário e que Lacan não se cansa, a todo momento, de repetir.

⁴ Esses operadores de pensar o ser das coisas seriam depois denominados pelos pós-socráticos como sendo *morphé*, *idea* e *eidos* (*morfé*, *idea* e *eidos*), eram os componentes da “pensabilidade” do idêntico.

Parmênides e os que o leram matematicamente⁵, inaugurarão para o mundo o homem a partir de um mesmo, de um idêntico, de uma essência, de uma potência atualizável que nos destinava como tarefa o ser igual ao “si mesmo”.

Por mais de 18 séculos este modo de pensar o homem ganhou uma hegemonia incontestada, de maneira que perdido entre um sistema ou outro o homem vagou amarrado ocupando uma posição acessória em relação à natureza (na antiguidade), a Deus (na escolástica), ao ideal humanista de liberdade (modernidade): sendo que cada um destes sistemas imperava ao homem uma de suas vozes aniquiladoras, impondo-lhe não mais do que uma forma possível de fazer-se, compreender-se, tomar-se, identificar-se. Cada homem era, pois, igual a si e diferente dos demais e sua tarefa não era outra senão a busca e o assumir este si (eu imaginário).⁶ O homem era a mesmificação do homem.

Em Psicanálise, o termo identificação fora abordado por Sigmund Freud desde 1895, quando exibiu o caso clínico de uma jovem que tentava ocupar o lugar de um filho junto ao pai. Naquela época, atendendo a Irma, Freud dedicava-se em especial aos seus estudos sobre histeria.

À estas reflexões interessa o tratamento dado por Freud à identificação, exaltando em especial a histeria e o sintoma, em seus aprofundamentos sobre sonhos, no ano de 1900, na construção de “A interpretação dos Sonhos”.

A formalização do termo identificação para Freud, registra apenas a relação do sujeito com o objeto⁷. É Lacan quem subverte essa relação, estabelecendo um novo conceito em que a relação do sujeito vincula-se ao significante, buscando um traço comum entre os significantes. E o faz a partir do momento em que pensa o mundo como constituído não de objetos mas de coisas que significam e que se amarram em cadeia: os significantes.

Vejam: o desafio lacaniano, por conseguinte, não visa o mesmo, mas a sua derrocada: visa abrir o homem às múltiplas possibilidades do seu “si mesmo”. Um

⁵ A Tradição leu Parmênides considerando o “mesmo” (auto) como sendo um operador lógico e, como tal, significaria que se “ser” é o “mesmo” que “pensar” então “SER = PENSAR”. Martin Heidegger tenta reler o auto parmenidico como sendo um terceiro e não um modo de relação entre ser e pensar. O modo de relação entre ser e pensar seria da ordem de uma comum pertença, de modo que para Heidegger já no Parmênides originário, não se comportava a ideia de um idêntico (tal como anacronicamente a tradição o leu).

⁶ O que doravante se evidenciará como sendo um percurso correlato da analisante que encontrará, num primeiro momento do tratamento, o seu eu.

⁷ Ou, em última instância, a relação do sujeito com o si (consigo próprio).

mesmo amarrado e frouxo: metaforicamente amarrado⁸ e metonimicamente frouxo. O que caracteriza a identificação, pois, não é a atribuição de uma identidade, mas a aproximação do sujeito a uma cadeia significante (de onde emergiria um sujeito do inconsciente) na qual ele próprio figura como significante (e como tal... tarefa sempre em aberto, fala que nunca se inscreve). É nesta marca comum aos significantes que o sujeito se sustenta.

Neste íterim, retomo de passagem as concepções lacanianas sobre identificação, apontando as articulações procedidas pela tríade: real, simbólico e imaginário.

Nisso, a identificação simbólica produz o sujeito do inconsciente. É o signo traçando a singularidade, mesmo que desencadeie significantes. A identificação imaginária, por sua vez, determina a estrutura do eu. Logo, a identificação se revela um processo de formação de nova instância psíquica.

É mister salientar que em ambos os casos não se trata de nomear como sendo “identificação” uma experiência de identificar (mesmificar) algo com sua essência. Não se trata de restaurar o império do mesmo (para sempre derrocado) e do idêntico, mas senão o de dar ao sujeito do inconsciente, por força de sua cisão simbólica⁹, um divórcio irreversível deste com a natureza, o mundo e as essências. O sujeito (\$) é tarefa sempre aberta e nunca mesma, e a identificação de significantes não nos trás outra coisa senão a certeza de que esta é uma identificação de diferenças, diferenças significantes (de significantes desessenciados e que não arrastam, acorrentados, a si próprios, nenhum significado).¹⁰

Inicialmente Lacan qualifica a identificação a partir do que chamou estado do espelho, processo inaugural em que o eu era ilustrado, salientado e refletido para constituir o próprio eu. O eu é antes de tudo a marca da imagem especular, ou melhor, a marca de uma experiência perceptiva excepcional. É vendo sua própria imagem que o eu se vê a si próprio, capturado pela visão da sua própria imagem espelhada. Nesse momento o eu, vendo sua imagem no espelho, registra uma marca da própria imagem.

⁸ Já que pela metáfora do nome-do-pai nos amarramos ao simbólico.

⁹ Castração.

¹⁰ Para escrever sobre a história do conceito de identificação de Parmênides a Heidegger eu me vali, além do seminário de Lacan, de um trabalho apresentado na Jornada de IPB Recife sobre identificação (acontecida em 17 de março de 2006) por Pedro Gabriel Bezerra da Fonsêca. O trabalho, que tem dois títulos, chama-se, “*A História da Identidade*” e “*A Essência da Identificação: um Significante Desessenciado*”.

Diante do que se constituiu no grande desafio do filho de vinagreiros (fagocitar para a Psicanálise o que já fervilhava na antropologia e na filosofia contemporâneas, a saber, a reviravolta linguística), arvorou-me a inserir neste contexto uma fábrica de sonhos como temática possível para ilustrar e assinalar algo relativo à identificação, seus efeitos e sua superação.

Lacan nos apresenta o sonho como elemento constitutivo do inconsciente. O sonho enquanto metáfora vai servir de amarra ao desejo da analisante aqui apresentada. Deslizaremos nos trilhos de metonímia para tentar entender os desdobramentos de seus processos identificatórios.

Retomo aqui uma verdadeira insistência e até mesmo redundância a palavra *própria* (em adversidade à mesmidade). É necessário salientar na propriedade a causa da diferença que Lacan propõe tornar evidente na noção de identificação, cuja repercussão acontece pela diferença e não pela igualdade.

Kaufmann nos esclarece:

“Um caminho possível da reflexão é função da própria série. Ela institui uma ordem que se incorpora a cada elemento. Nesse sentido não podemos dizer que os elementos de uma série do tipo 111111 são absolutamente idênticos, pois cada um tem lugar único e muito preciso numa cadeia. Mesmo ao repetir o mesmo, o mesmo ao ser repetido, se inscreve como distinto. Eis porque Lacan assinala que a essência do significante é a diferença.”

No *Seminário VIII* Lacan evidencia algo sobre a eficácia do ideal do eu na medida em que ele intervém na função da transferência. Na experiência clínica psicanalítica é possível apreender a eficácia do ideal do eu organizado de certo modo no interior do sujeito. Lacan escreve:

“A noção de interior é função topológica capital no pensamento analítico, já que mesmo a introjeção se refere a ela. O campo organizado é considerado de forma bastante ingênua, na medida em que não se fazem de modo algum distinções, nessa época, entre o imaginário e o real. Nesse estado de imprecisão e de indistinção de noções topológicas, somos realmente forçados a dizer que, grosso modo, devemos representar esse campo de maneira espacial ou quase espacial, digamos – a coisa não é indicada, mas é implicada pela maneira como nos falamos dela – como uma superfície ou como um volume, em ambos os casos como uma forma de alguma coisa que, pelo fato de ser organizada à imagem de outra coisa, apresenta-se como dando seu suporte e seu fundamento à ideia de identificação. Em suma, trata-se de uma diferenciação produzida no interior de um certo campo topológico pela operação particular que se chama identificação.”

Lacan nos propõe pensar não apenas no campo topológico, mas, sobretudo, no aspecto econômico. E é sobre a função econômica que ele se ocupa no seminário seguinte, *A identificação*.

A propósito ainda da referência apenas feita por mim, sobre tal função econômica, esclareço fazendo uso das próprias palavras de Lacan:

“Trata-se de conceber este campo e sua função econômica de uma maneira que se torne utilizável tanto em sua função própria de ideal do eu quanto no fato de que é no lugar desse ideal do eu que o analista será convocado a funcionar”.

Expostas algumas reflexões teóricas, transcrevo a seguir a narrativa do sonho de uma analisante:

“... meus sonhos têm se repetido. Sábado tive um sonho que emendei com outros sonhos. Acho que estou descobrindo o meu mim. O eu e o mim. O sentimento que eu tenho era que os sonhos se mostravam como uma avalanche que saíam de dentro de mim em série. Uma série de sonhos, mas cada um era um”

(...)

Antes da minha análise saíam como foguinhos. Agora eles saem em série. Parece uma fábrica de sonhos.

(...)

Eu consegui interpreta-los. Sonhei com um monte de duendes. Vários duendes. Todos iguais. Tantos. Todos vestiam azul. Curioso é que eu sabia que apesar de todos serem iguais, havia uma diferença em cada um. Cada um tinha uma florzinha no dente, quase não se via, como se fosse uma florzinha de confeitaria bolo. Tinha um duende que tinha uma florzinha vermelha no dente. Eu me identificava com ele, na minha essência, no detalhe, no que há de singular, o vermelho. Meu carro é vermelho. Meu carro é uma extensão de mim. Poxa! O vermelho! No dente do duende. Sai de dentro de mim! É sangue! É vida! É parto.”

Dentre as lições que Lacan preconiza, a de 10 de janeiro de 1962 bem esclarece essa tal de identificação, segundo ele próprio: um número pode ser representado de várias maneiras, mesmo que composto por elementos diferentes. É a essa diferença que Lacan atribui a noção de identificação. Essa noção explicita portanto a relação entre o sujeito e os significantes. Significantes estes que constituem uma forma identificatória.

Por fim, dado que quem escreve se inscreve, repensando o caso a fim de buscar os recortes do que compuseram este trabalho, ocorreu-me algo em relação a este caso, algo com o qual encerro esta apresentação.

Disse-me certa feita: *“Acho que estou descobrindo o meu mim. Antes descobri o meu eu e agora estou descobrindo o meu mim. Meus sonhos estão parecendo uma fábrica de sonhos.”*

Saindo da mesmidade do idêntico onde se constituem as ilusões do eu nas mil e uma faces de suas armadilhas imaginárias, minha analisante descobriu o seu eu, seu imperativo categórico de uma busca angustiada por uma verdade inexistente. No dente do duende fez sua demanda, assumiu um compromisso com sua neurose quando descobriu a diferença no “dente do duende”, no “dente doente”, no “ente doente”. Assumindo-se um ente doente, marcada na diferença. No “dente do duende” residia à diferença, a diferença do que até então havia sido desejado e determinado para a sua vida e que a partir disso começaria a ser assumido por ela como sujeita, como autora.

Em “A Instância da Letra” Lacan não se cansa de exortar o tempo contra as “armadilhas do amor próprio”, contra o que se esconde sobre as certezas imaginárias de se saber senhor de si e dono de uma marca essencial, de um significante que emperrou em sua marcha prospectiva rumo ao que não pode deixar de sempre rumar.

Esta analisante, ao contrário disso, encontrou uma possibilidade de pôr-se sempre em marcha. Sua fábrica fabricava, e fabricava em série no sentido de que todos os sonhos eram seus e ela os assumia. Assumia a todos e a cada um em sua força aterradoramente reveladora que a empurrava mais para adiante. Eram, portanto feitos em série porque levavam seu traço e ela não os negava. No entanto, eram também distintos, ricamente distintos. Sua fábrica era fáb-RICA, era uma RICA produção de significantes que a colocaram no seu lugar de sujeito.

Nesta diferença ela encontrou a RICA-eza e a dignidade de uma vida de diferenças, de uma vida pronta para as adversidades, de uma vida aberta à tarefa de ser.

Mesmo numa fáb-RICA de sonhos, **cada Um** sonho resguarda suas diferenças e significações próprias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANAXIMANDRO, PARMENIDES, HERACLITO. *Os Pensadores Originários*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sergio Wrublewski. 4 ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005 p.45
- CAMPOS, Dulce. *Identificação e Identidade*. Ed. CEPE – UBE (2002)
- CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Editora Artes Médicas. (1996)
- DVOSKIN, Hugo. *El sujeto e los sueños*. Editora Letra Viva (2001)
- KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Jorge Zahar Editor (1995)
- LACAN, Jacques. *Seminário 1, Os Escritos Técnicos de Freud*. Jorge Zahar Editor
_____. *Seminário 2, O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Jorge Zahar Editor
_____. *Seminário 4, A Relação de Objeto*. Jorge Zahar Editor
_____. *Seminário 8, A Transferência*. Jorge Zahar Editor
_____. *Seminário 11, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Jorge Zahar Editor
_____. *Seminário 9, A Identificação*. Jorge Zahar Editor
- MEDEIROS, Amélia. *Inventar-se Analista*.
- NASIO, Juan. *Os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Jorge Zahar Editor (1991)
Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife (2003)
- ROUDINESCO, E PLON. *Dicionário de Psicanálise*. Jorge Zahar Editor (1997)
- FONSECA, Pedro Gabriel B. A História da Identidade ou A Essência da Identificação: um Significante Desessenciado. Trabalho apresentado na Jornada de IPB sobre identificação ocorrida em 17 de março de 2006 – (Recife- PE)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.